

Regional

BAIXO GUANDU

Eles quebram pedra desde criança

Muitos que andam sobre paralelepípedos de Baixo Guandu não imaginam que são feitos por homens que cresceram em pedreira

Nilo Tardin
Débora Pedroza
BAIXO GUANDU

Debaixo de sol, Jacy Gomes Dias, 44, passa o dia quebrando pedras com uma marreta e um ponteiro, protegido apenas por uma rústica barraca de palha, para garantir o sustento da família na Pedreira do Rosário, em Baixo Guandu, Noroeste do Estado.

Casado, pai de cinco filhos, Jacy quebra pedras com as mãos desde os 7 anos, quando pegou no batente junto com a mãe, Dejanira, numa das pedreiras na divisa do Espírito Santo como Minas Gerais.

“A renda da pedra caiu. Agora, as ruas são calçadas com bloquetes ou asfaltadas. A vida é dura, o serviço é pesado, mas é um trabalho digno”, defende Jacy.

Essa é a realidade de pelo menos 30 cavouqueiros, como são chamados os profissionais que sobrevivem de quebrar pedras manualmente. Desde criança, aprenderam o segredo de talhar a rocha para fabricação artesanal de paralelepípedos, meios-fios, brita e blocos de alvenaria usados em pisos e a alicerces.

Antes do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), meninos e meninas disputavam espaço na Pedreira do Rosário. A

proibição afastou os menores e agora os poucos novatos são filhos ou parentes dos cavouqueiros.

A pedreira artesanal fica às margens da BR-259 em Baixo Guandu, onde cada um trabalha por conta própria e paga encargos sociais como autônomo. São donos dos lotes ou “lapas” de pedras marcadas com pedaços de pau e riscos no chão. Alguns cavouqueiros chegam a fazer 500 paralelepípedos por dia vendidos por R\$ 400 o milheiro.

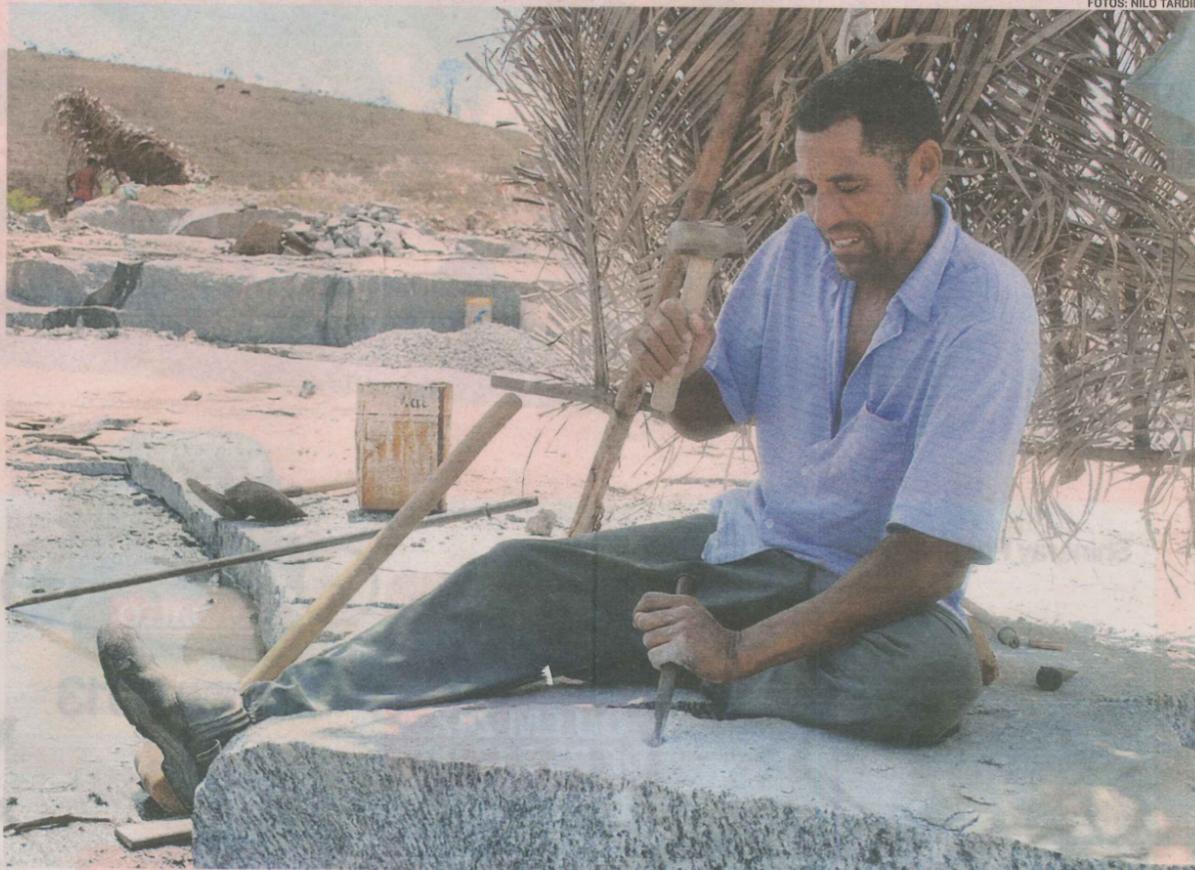
A Pedreira do Rosário foi desapropriada em 1984. Até meados dos anos 90, a jazida tinha cerca de 400 trabalhadores.

“É uma questão de arte. Além de bonito, o calçamento de paralelepípedos ajuda a amainar o clima e permite a infiltração de água no solo”, disse o ex-prefeito de Baixo Guandu Francisco de Barros, que abriu a pedreira e comprava a produção para calçar ruas da cidade.

Sérgio da Silva, 31, ensina o segredo que aprendeu aos 9 anos: “Tem que riscar, traçar, cortar, furar e bater no veio da pedra para criar o bloco”.



SÉRGIO aprendeu técnica aos 9 anos



JACY GOMES: “A vida é dura, serviço é pesado, mas é digno”, defende o cavouqueiro que trabalha desde os 7 anos

Mais de 1 milhão de metros nas ruas

Em Baixo Guandu, 90% das ruas são calçadas com paralelepípedos da Pedreira do Rosário. Segundo o ex-prefeito Francisco de Barros, foram adquiridos 1,6 milhão de metros quadrados de paralelepípedos de pedra para pavimentar as ruas da cidade.

A construção de casas em cima da jazida reduziu a área de exploração da pedreira, que ficou restrita a um pequeno trecho. “Foi um época de muita crise. A mortalidade infantil explodia. Baixo Guandu era um dos municípios mais pobres e a terceira menor receita do Estado. As pedras mudaram o perfil do desemprego na cidade”, disse.

As ferramentas são simples e eficientes. Talhadeiras, ponteiros, macetes, marretas e o pixote, pequeno ponteiro afiado que fura a pedra para a batida final da marreta.

O motorista de caminhão Luiz Américo, 36 anos, e o ajudante



RUA de paralelepípedo: maioria é calçada com pedra da Pedreira do Rosário

Adeilton Duarte, 23 anos, fazem ao menos duas viagens por dia carregando paralelepípedos para o calçamento das ruas do distrito de Tabauína, em Aimorés, e Alto Capim, em Minas Gerais, a cerca de

40 km da pedreira. “Já levamos mais de 100 mil peças para calçamento. Está difícil achar um grande volume de pedras. Todo serviço aqui é na mão”, disse Luiz Américo.

CASOS



Pai ensina ofício a filho

Aos 9 anos, Jorge Alves da Silva, hoje com 48 anos, já quebrava pedras com marretas em vez de segurar o lápis. Não pôde estudar por conta das dificuldades financeiras, tendo que ajudar a mãe, Maria da Conceição, e quatro irmãos.

Há uma semana, decidiu ensinar a profissão ao filho Lucas, de 16 anos, como aprendiz. Lucas cursa o ensino médio e vê na pedreira a chance de aprender a ciência que levou comida para a mesa da família.

Casal trabalha junto

João Batista dos Santos, 53, e Luzia Tiago dos Santos, 50, deixam tudo pronto em casa e saem juntos para fabricar paralelepípedos.

O casal explora a pedreira há 20 anos e encontrou na profissão a forma de ganhar a vida honestamente. “Não temos do que reclamar. Passamos o dia debaixo do sobreiro (barraca de palha)”, disse João. Ele diz que o único equipamento que usam é um compressor comunitário doado pela prefeitura.



SERRA

Cortar e reaproveitar as sobras de rochas que as pedreiras não querem mais. Esse é o trabalho de Josias de Oliveira Rodrigues, 34, que recicla as sobras descartadas pelas pedreiras do entorno do município da Serra para vender como matéria-prima para montar garagens e jardins.

“O que as pedreiras não vão utilizar a gente pega para cortar e vender, fazemos reciclagem das pedras, que podem ser usadas em garagens e jardins”, explicou o cavouqueiro.

Josias aprendeu a profissão aos



JOSIAS recicla rochas descartadas

10 anos de idade junto com os irmãos mais velhos no município de Rio Bananal, em uma pedreira que hoje está desativada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), por ser uma reserva natural.

Quem passa pela BR-101, na altura do bairro Serra-Sede, pode ver vários homens cortando pedras às margens da rodovia, assim como Josias, que chega às 7 horas ao seu local de trabalho e corta pedra até às 16 horas.

Segundo ele, o salário que ganha é o bastante para se sustentar e ajudar os dois filhos.